

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES
PARA EDUCAÇÃO INFANTIL

Carolina Santos

CONHECENDO E VALORIZANDO A INDIVIDUALIDADE
DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Belo Horizonte

2019

Carolina Santos

CONHECENDO E VALORIZANDO A INDIVIDUALIDADE
DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como resultado parcial para obtenção do título de Especialista em Múltiplas Linguagens para Educação Infantil.

Orientador: Cláudio Santos

Belo Horizonte

2019

G635c
TCC

Gonçalves, Carolina Santos Francelino, 1978-
Conhecendo e valorizando a individualidade da criança na
educação infantil [manuscrito] / Carolina Santos. - Belo Horizonte,
2019.
23 f. : enc, il.

Monografia -- (Especialização) - Universidade Federal de
Minas Gerais, Faculdade de Educação.
Orientador: Claudio Santos.
Bibliografia: f. 22-23.

1. Educação. 2. Educação de crianças. 3. Psicologia
educacional. 4. Identidade (Psicologia). 5. Individualidade.
6. Psicologia infantil. 7. Cognição nas crianças.
I. Título. II. Santos, Claudio Emanuel dos, 1964-
III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de
Educação.

CDD- 370.15

Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)
Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



**ATA DE DEFESA DO OCTINGENTÉSIMO SEXAGÉSIMO QUARTO TRABALHO FINAL DO CURSO
DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO MÚLTIPLAS LINGUAGENS EM EDUCAÇÃO INFANTIL**

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “**Conhecendo e valorizando a individualidade da criança na educação infantil**”, do(a) aluno(a) **Carolina Santos Francelino Gonçalves**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Cláudio Emanuel dos Santos (orientador) Ridalvo Felix de Araújo. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho Aprovado, atribuindo-lhe a nota 87, conceito B. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Carolina Santos Francelino
Carolina Santos Francelino Gonçalves

Registro na UFMG: 2018749999

Cláudio Emanuel dos Santos

Cláudio Emanuel dos Santos
Professor(a) Orientador(a)

Ridalvo Felix de Araújo
Ridalvo Felix de Araújo
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Ana Maria de Castro Rocha
Ana Maria de Castro Rocha
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

RESUMO

Com o desejo de compreender como o conhecimento de si mesmo e do outro pode contribuir nas interações, essa pesquisa propõe um plano de ações com uma turma de 5/6 anos da EMEI Ribeiro de Abreu, no bairro Ribeiro de Abreu, na região nordeste de Belo horizonte. Busca definir conceitos sobre identidade, conhecimento de si, individualidade e interação na educação infantil para explicar porque contar a história de vida de cada um auxilia na melhoria das relações entre eles. As ações mostram como as crianças identificam no outro características similares com as suas e, ao mesmo tempo, diferenciam e nomeiam suas próprias características, como também as características dos colegas. E, aos poucos, vão construindo um caminho de respeito e valorização das diferenças.

Palavras Chave: Conhecimento de si. Interações. Diversidade.

Sumário

INTRODUÇÃO	9
A HISTÓRIA DA EMEIRA	10
MINHA HISTÓRIA COM A IDENTIDADE	12
OLHAR PARA DENTRO E ENXERGAR O QUE TEM FORA	14
EU, VOCÊ E OS OUTROS. DESCOBERTAS E ENCANTAMENTOS.....	17
SINGULARIDADES E SIMILARIDADES PRA TODA VIDA.....	22
REFERÊNCIAS	22
TATI, Paulo. Eu . Palavra Cantada; https://www.youtube.com/watch?v=GBMQFJXaYLA Acesso em 25 de maio de 2019.....	23
SUERTEGARAY, Maira. Dandara e a Princesa Perdida . Ilustrações, Carla Pilla. Editora Compasso Lugar-cultura. 2009.....	23
OLIVEIRA, Jair. Normal É Ser Diferente . Álbum Grandes Pequeninos "O Mundo É Grande e Pequenino". https://www.youtube.com/watch?v=oueAfq_XJrg Acesso em 25 de maio de 2019. ...	23

Dedico este trabalho aos meus pais,
por me ensinarem a valorizar as diferenças,
respeitando a individualidade das pessoas.

Agradeço a Deus pela oportunidade de vivenciar experiências
intensas na vida.

“A primeira coisa que o ser humano precisa é conhecer a si mesmo”

Fala da professora Maria Inês Goulart
durante a aula, FAE/UFMG, em 10/08/19.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca compreender como o conhecimento de si e do outro contribui para valorização das diferenças, nas interações das crianças da educação infantil.

Na minha atuação como professora de educação infantil, sempre busquei ter um olhar mais aguçado para o tema Identidade, pois considerava que ele era tratado de forma “rasa” e com pouca relevância. Neste entendimento sempre valorizei as atividades de reconhecimento de si e da própria história, como centralizador da minha prática pedagógica.

A cada ano fui reformulando minhas ações pedagógicas, entendendo e respeitando, valorizando a individualidade de cada criança e oportunizando a interação necessária. Dessa forma percebi o quanto as crianças podem oferecer aprender resignificando seus aspectos sociais, culturais e cognitivos. Percebi o quanto elas se posicionam de maneira mais consciente e individualizada nos diversos conflitos do dia a dia.

Atendendo a proposta do Curso de Pós Graduação, na qual finalizo o curso com essa pesquisa, decidi desenvolver e aprofundar o tema Identidade realizando o plano de ação em uma turma de 5/6 anos da EMEI Ribeiro de Abreu. Busquei embasamento no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil e nas Proposições Curriculares para Educação Infantil para nortear o projeto de ação.

Minha proposta inicial de pesquisa era responder algumas questões. Que ações podem ser realizadas para propiciar o conhecimento e a valorização de si mesmas? O conhecimento de si contribui para a valorização das diferenças?

No plano de ação montei um cronograma para realizar as atividades com as crianças duas vezes por semana, porém como não estou em sala de aula, não foi possível realizar dentro do prazo planejado. Que seria para iniciar em maio e terminar em outubro de 2019.

Como metodologia de pesquisa realizei rodas com músicas, rodas de conversa, desenho do autorretrato, álbuns contando a história de vida de cada criança, vídeos e fotos.

A monografia está dividida em três partes, após a introdução teremos a contextualização da EMEI Ribeiro de Abreu e argumentação pessoal do interesse pelo tema, na segunda parte o embasamento teórico a partir dos documentos Referenciais para Educação Infantil do MEC e da PBH, para finalizar o relato do Plano de Ação.

A HISTÓRIA DA EMEIRA

A Escola Municipal de Educação Infantil Ribeiro de Abreu, que está localizada no bairro Ribeiro de Abreu, região nordeste de Belo Horizonte, já teve muitos nomes e passou, ao longo do tempo, por diversas transformações. Ela começou como Creche Comunitária Pêrsio Pereira Pinto, nome da família que cedeu o terreno para a construção do prédio. Na época, a associação comunitária do bairro era quem administrava a creche, depois passou a ser administrada por um pastor com ajuda da prefeitura de Belo Horizonte através de convênio.

A creche atendia as famílias de baixa renda que residiam no bairro Ribeiro de Abreu. O atendimento das crianças era em tempo integral.



Figura 1: foto da Creche Pêrsio Pereira Pinto. Arquivo da escola



Figura 2: foto da Creche Pêrsio Pereira Pinto encontrada nos arquivos da EMEI Ribeiro de Abreu.

A creche foi municipalizada, tornando-se uma das Unidades Municipais de Educação Infantil atendendo ao plano de expansão da educação infantil da cidade. As “UMEI’s” funcionavam vinculadas a uma escola de ensino fundamental, como se fosse um

anexo. Eram chamadas de escola polo. Assim, a Escola Municipal Professor Paulo Freire, que era a mais próxima, foi escolhida para ser o polo da UMEI, que recebeu o nome Unidade Municipal De Educação Infantil Pêrsio Pereira Pinto.

A UMEI solicitou junto a SMED a mudança do nome para UMEI Paulo Freire, já que muitas UMEI's tinham o nome da escola polo. Mas a solicitação não foi aceita, com a alegação de que a escola deveria ter o nome do bairro. Então a escola passou a se chamar UMEI Ribeiro de Abreu.

As crianças de 3 a 6 anos gradativamente passaram a ser atendidas em horário parcial e, as de 1 e 2, continuaram em tempo integral. Algumas poucas crianças, cerca de cinco ou seis, ainda foram atendidas em tempo integral por um período maior de tempo.

Depois de muitas lutas políticas, a instituição deixou de ser uma unidade municipal de educação, passando a ser uma escola. Deixou de ter vínculo com a escola polo. A escola então passa a ter uma direção própria e recebe o nome de ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL RIBEIRO DE ABREU - EMEIRA.



Figura 3: foto da época da municipalização.
Fonte: arquivo da escola.



Figura 4: foto da época da entrega da obra de expansão. Fonte: arquivo da escola.

Na época da municipalização, com a expansão das vagas e a modificação no critério de seleção dessas vagas, a escola passou a atender não só as famílias do bairro, mas também as famílias dos bairros vizinhos, porque ela era a única na região que atendia de forma gratuita a educação infantil.

Muitas famílias eram de mães adolescentes e as crianças eram muitas vezes cuidadas pelas avós. Famílias com baixa renda e ou em situação de desemprego.

Quando ocorreu a municipalização, houve também a promessa de construção de um novo prédio com o objetivo de ampliar o número de vagas. O que levou cerca de dez anos para acontecer. Quando a obra começou de fato e em função dela foi necessário reduzir o atendimento além de deixar de atender temporariamente crianças em tempo integral. Acontece que a obra demorou muito mais que o tempo previsto. Portanto, recentemente, voltou atender crianças em tempo integral. Hoje, a EMEIRA passou a atender de acordo com a capacidade total do prédio que é o dobro do que ela atendia antes.

As famílias que a EMEIRA atende atualmente são essencialmente do bairro Ribeiro de Abreu. Em sua maioria pais com idade média de 18 a 30 anos e com um filho apenas. As crianças ficam na escola em tempo parcial e muitas delas vão de transporte escolar pago pelas famílias para outros lugares, pois os pais trabalham fora. A escolaridade das famílias na maior parte dos casos é de segundo grau completo ou incompleto.

Ainda sim existe uma parte considerável de famílias em situação de vulnerabilidade social, desempregadas, e com baixa escolaridade.

A EMEIRA vem construindo sua identidade na medida em que vem se transformando com os fatos que ocorreram ao longo do tempo.

MINHA HISTÓRIA COM A IDENTIDADE

Meu encanto pelo trabalho com identidade começou quando trabalhei no Centro Educativo Pés no Chão no bairro Dom Cabral, região noroeste de Belo Horizonte, mais especificamente vendo os trabalhos da professora Márcia Data, uma das professoras desta escola. Ela sempre fazia com as crianças um belo trabalho com este tema. Mas me encantei mesmo foi com a barriga de gesso simulando a gravidez que ela construiu com a turma. Uma obra de arte linda. Agente olhava do buraco via lá dentro uma luz (com pisca pisca) com um bebê - boneco lá dentro. Uma experiência fascinante. Ela aprofundava na história do aluno de uma maneira linda e envolvente.

Ainda na Pés no Chão, fiz meu primeiro projeto com identidade junto com as crianças, numa turma de 4 anos. Foi um trabalho para o ano todo, que envolvia vários

temas como desenho do auto retrato, escrita e reconhecimento do nome, família, auto cuidado e outros.

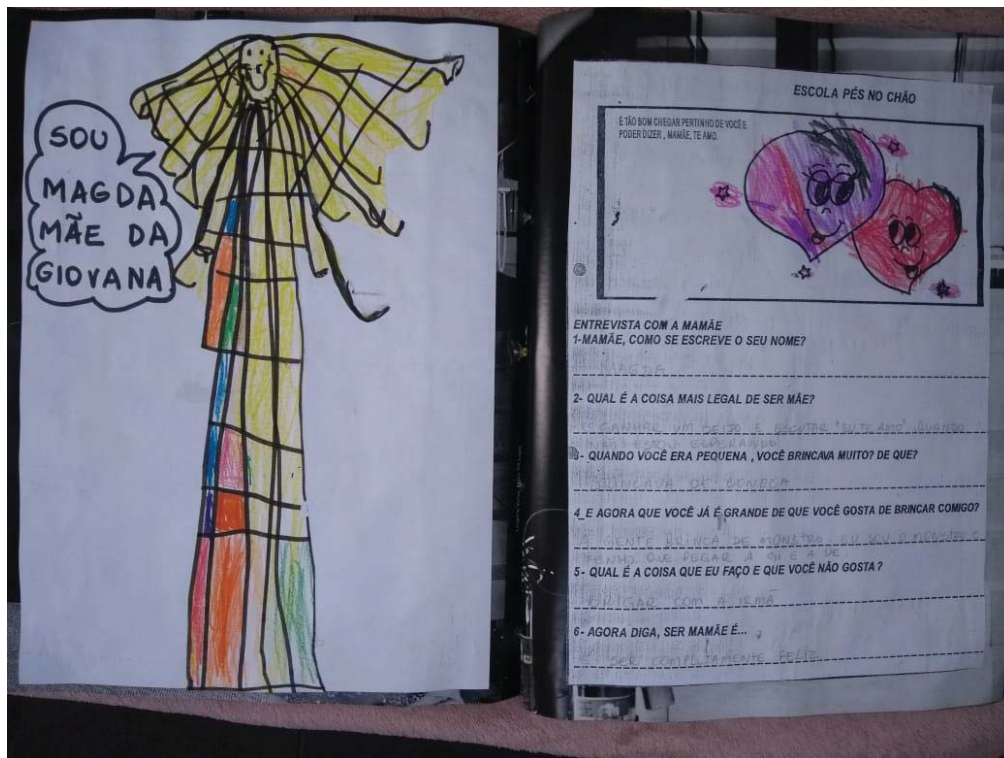


Figura 5: Foto do álbum da turma do Centro Educativo Pés no Chão. 2006. Fonte: Acervo da autora

Na minha atuação enquanto professora da Rede Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte, sempre abordei o tema ao iniciar o ano. Gostava de realizar essa atividade com encantamento, procurando dar uma importância maior do que normalmente era proposto.

Assumi a referência de uma turma de cinco anos, e decidi retomar o projeto. A proposta era que cada criança levasse uma caixa pra casa para trazer nela lembranças, roupas, fotos e objetos que contavam a sua história. Ela apresentava aos colegas sua história, e todos passavam a semana observando e analisando os gostos e especificidades do colega. Faziam desenho desse colega, e construíam uma história coletiva com as características e gosto dele. Comecei a perceber com este projeto como as crianças se sentiam mais a vontade umas com as outras, como elas eram capazes de falar mais sobre si. Então procurei entender a razão disso.

Alguns anos depois, realizei novamente o projeto e junto com ele falamos de valores, tema que foi proposto pela escola. Ele tinha o formato parecido com o anterior, só fiz algumas adaptações. E desta vez com um olhar para valorização de si mesmo. Os resultados foram surpreendentes. As crianças assumiram uma postura de cuidado consigo mesmo e com os colegas. Diálogos consistentes, posturas críticas, respeito com a opinião do colega e um elo afetivo muito grande entre eles.

O resultado desse trabalho me fez querer compreender como isso se dá. Como o conhecimento de si mesmo e da sua própria história pode auxiliar nos processos de aprendizagem e relacionamento entre as crianças. Embora eu tivesse realizado esse trabalho diversas vezes, não havia aprofundado na busca por entender esse processo de construção da identidade.



Figura 6: Culminância do projeto Identidade do ano de 2017.

Fonte: acervo da autora.

Percebi, como essas atividades foram apontando uma busca interna sobre compreender melhor quem sou, qual meu papel na vida e qual meu papel como professora e como professora da EMEIRA. Percebi, que o trabalho ao longo dos anos com este tema, refletia também na construção da minha identidade.

OLHAR PARA DENTRO E ENXERGAR O QUE TEM FORA

No dicionário Aurélio (FERREIRA, 2001) a definição da palavra identidade é um conjunto de características que definem um sujeito. São características comuns a todos, mas que definem e diferenciam cada sujeito como um, ou seja, características como o nome, idade, cor, família a que pertencem, emoções, definem o sujeito, e cada sujeito vai

ser único a partir de uma combinação dessas características construindo em cada sujeito a individualidade.

Ao nascer, o sujeito já terá definidas algumas dessas características trazidas pela família consanguínea. Definições tais como origem, cor, raça entre outras. E outras tantas definições vão se formando a medida que se desenvolvem e crescem. O que se dará através das interações com os outros e que ocorrem nos diversos ambientes em que vivenciar, tais como casas de familiares, praças, parques, mas essencialmente na escola, pois nela a criança tem a oportunidade de vivenciar um espaço rico em diversidade étnica e cultural.

A medida que as crianças crescem elas vão aprendendo a identificar o próprio nome, as partes de seu corpo, a família da qual pertencem. E aos poucos vão construindo e identificando-se como únicos e ao mesmo tempo como iguais.

É importante que a escola proporcione as crianças, desde pequenas, um ambiente de reconhecimento e valorização de suas características físicas, sócias e étnico culturais comprometida com a formação de sua personalidade e auto estima, já que sua identidade está em construção.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, a identidade é um conceito do qual faz parte a ideia de distinção, de uma marca de diferença entre as pessoas, a começar pelo nome, seguido de todas as características físicas, de modos de agir e de pensar e da história pessoal (BRASIL;1998. p.13).

E ainda.

“ A identidade é o ponto de referência do processo de subjetivação, podendo ser considerada como aquilo que permite ao sujeito se diferenciar dos outros membros de seu grupo ao mesmo tempo em que se identifica com este grupo. A partir da diferenciação, o sujeito passa a se referir a si mesmo como ser individual. Ao mesmo tempo, esta diferenciação e separação do grupo é o que permite uma identificação com este mesmo grupo. Há, assim, um duplo movimento na construção da identidade: individuação e identificação com os outros para reconhecer a si mesma, reconhecer os outros e os diversos grupos nos quais está inserida, suas semelhanças e diferenças, o que os completa reciprocamente possibilitando a ela encontrar seu lugar no mundo.” (PCEI –BH, 2016. p.27)

Nomear, construir, identificar as características próprias requer um movimento de conhecimento de si e do outro. Num exercício constante de olhar para o outro e para si,

“as crianças vão gradualmente, percebendo-se e percebendo os outros como diferentes, permitindo que possam acionar seus próprios recursos, o que representa condição essencial para o desenvolvimento da autonomia.” (BRASIL; 1998. p.14).

E é através das interações que as crianças terão a oportunidade de construir a identidade pautada na autonomia e individualidade. Uma vez que ela necessita do contato com o outro e com o meio para se reconhecer e constituir. Dessa forma, o outro e o mundo funcionarão como uma espécie de espelho. No qual a criança identifica suas singularidades através de trocas, oposição, do confronto de conceitos, percebendo semelhanças e diferenças.

Olhar o outro e perceber as características físicas, emocionais, familiares, sociais, culturais, é, portanto essencial. E requer ações de interação com o outro através de atividades significativas.

“Propiciar a interação quer dizer, portanto, considerar que as diferentes formas de sentir, expressar e comunicar a realidade pelas crianças resultam de suas aprendizagens. Uma das formas de propiciar essa troca é a socialização de suas descobertas, quando o professor organiza as situações para que as crianças compartilhem seus percursos individuais na elaboração dos diferentes trabalhos realizados.” (Brasil, 1998. p.31)

A atividade de compartilhar a história de vida de cada um com os colegas, é portanto uma estratégia significativa de interação. Através dela as crianças tem oportunidade de vivenciar trocas, reconhecer, valorizar, respeitar a sua cultura e a do outro. De construir uma imagem positiva de si mesma, e também a do outro. Reconhecer e valorizar suas origens, e a do outro. Podendo assim estabelecer relações positivas de forma respeitosa. Manifestar seus desejos e desagrados na resolução de conflitos.

“ São as interações com o “outro” – compreendido como as pessoas, os atermatos culturais, os objetos de conhecimento, o mundo em geral – que possibilitam a cada sujeito identificar quem ele é, e também quem ele não é, o que lhe é próprio e o que caracteriza as demais pessoas do mundo, bem como o próprio mundo.

As interações possibilitam as crianças entrarem em contato com o mundo e as pessoas que a rodeiam, iniciando o vital processo de aprender, compreender e ressignificar o mundo – seus componentes e funcionamento.” (PCEI,2016. p.23).

O estudo aponta que a construção da identidade é parte essencial desta etapa da infância. É o primeiro contato consigo mesma e com a vida, com o mundo, com os outros. Etapa de experiência intensa e significativa. E essa ação necessita de um olhar atento voltado para o conhecimento de si e a identificação das individualidades.

EU, VOCÊ E OS OUTROS. DESCOBERTAS E ENCANTAMENTOS.

Este ano, como não estou em sala de aula, a escolha de uma turma para realizar o plano de ação foi aleatória que foi uma turma de 5/6 anos considerando apenas que fui professora de boa parte das crianças dessa turma quando tinham 3/4 anos. Montei um plano de ação com atividades de compartilhar a história de vida de cada um. Minha expectativa era que a criança, ao conhecer a história do colega, pudesse identificar a sua história de vida. Mas por não estar em sala de aula, encontrei muitas dificuldades na realização do plano de ação, que sofreu muitas mudanças ao longo do processo. Em algumas situações, por não ser mais coerente e também por ter que me ajustar com o tempo disponível para realização do trabalho.

Comecei com uma entrevista individual, antes de qualquer abordagem do tema com a intenção de entender como as crianças estavam se auto definindo e o que conheciam sobre seu nome e da sua família. Filmei, para depois analisar cuidadosamente a postura de cada criança ao falar de si.

Na entrevista, fiz quatro perguntas simples.

_Qual seu nome?

_ Qual o nome da sua mãe

_Qual o nome do seu pai

_Ao se olhar no espelho o que ela mais gosta nela?

Inicialmente fiquei frustrada e achei que tivesse escolhido a turma errada. Quase todos pareciam falar com propriedade. Mas ao analisar o vídeo com mais calma, pude perceber que quando falavam de si usavam definições superficiais. A fala não definia características daquela criança, e sim de uma criança no “geral”. Além de se auto nomearem com receio e timidez.

Percebi essa característica, também, com a construção da auto imagem através do desenho da figura humana que pedi, logo em seguida. Um desenho pobre em detalhes apesar de serem bons. Algumas crianças fizeram os desenhos tão pequenos que nem era possível identificar cores e partes do corpo.

Depois destas duas atividades, conversei com as crianças para explicar porque eu os filmei. Conversei também com as famílias pedindo autorização e auxílio no trabalho. Todos foram muito receptivos.

Pedi para cada criança montar um álbum registrando momentos da vida do nascimento até a fase atual. O álbum trazia perguntas como nome, quem escolheu seu nome, como a criança era quando bebê, quem eram seus pais, avós, irmãos. O que gostavam de fazer, comer, beber, brincar.

Enquanto iam construindo o álbum em casa, realizei outras ações. Conte a história da DANDARA, A PRINCESA PERDIDA, mas não teve muita repercussão.



Figura 7: Contação da história. Fonte: acervo da autora.



Figura 8: Contação da história. Fonte: acervo da autora.

Coloquei a música com um clip do Jairzinho “Normal é ser diferente”. Eles ouviram a música, dançaram, observaram o clip e depois conversamos em roda procurando as diferenças que nós temos. Foi muito legal!

Ouvir a música falar de características, causou espanto, surpresa e curiosidade. As crianças tiveram receio em nomear a cor da pele, o tipo de cabelo, se eram gordinhas ou magras. Algumas não sabiam mesmo como nomear.

Pedi que olhassem uns para os outros e nomeassem as características que estavam vendo. Todos tiveram dificuldades em nomear as gordas, magras, altas e baixas, como mostrou a música. Na sala tem duas crianças bem gordinhas, e uma criança muito baixinha em relação aos outros. E percebi que não queriam fala sobre isso.

Ana Luiza falou que não podemos falar “gordo”. Eles riam baixinhos e se olhavam envergonhados.

- Por quê? – perguntei.

- É feio falar gordo. - Eles disseram que

Mostrei o clip novamente e parei nesta parte. Pedi que observassem como o cantor se referia a essa pessoa. E perguntei o que viam.

- Não tem ninguém rindo, eles estão felizes. – falou Manuela.

Expliquei as pessoas podem ser gordas, magras, baixas, altas, mas que ela tem um nome. É diferente chamar de gorda, e reconhecer que ela é gorda. Assim como existem pessoas magras, baixas, negras, magras, etc.

O assunto foi tão envolvente e despertou tanto interesse, que num outro dia, continuando a roda, pedi que observassem a cor da pele de cada um. Começamos então a nomear. Surgiram os termos “cor de pele” e “moreno”.

- Cor de pele”, é a cor da nossa pele, rosa! - disse Bernardo

- Todos somos rosa? - Perguntei

Eles se olharam e disseram que não com um tom de dúvida.

- Tem gente morena e tem gente cor de pele. - falou João

- Moreno, é o moço, é quando agente chama o moço. - falou Danielle.

Igor olhava tudo com espanto, tentando entender e explicar a cor da pele.

Então ele disse:

- Cor de pele é assim, assim, assim... – apontando para os colegas, negros, mulatos, brancas.

- E qual o lápis que colore essa, essa e essa pele? - Perguntei:

- Aquele rosa. - Igor respondeu.

Percebi que eles nunca tinham refletido sobre esse assunto. Coloriam por que aprenderam assim com adultos. Assim como o desenho do auto retrato. Ali entendi que essa uma construção de identidade acontecia, mas que não foi construída a partir da individualidade, de um olhar para si, para dentro e para o outro. Por isso no início, aparentemente elas apresentavam sinais de auto conhecimento.



Figuras: 8 e 9 Imagens do álbum da Ana Luisa e do Guilherme.

Com esse entendimento, modifiquei o modo como fazer as intervenções a partir dali. Refinei o olhar e procurei exercitar com as crianças o foco em si mesmas e nas individualidades de cada um.

Resolvi digitalizar os álbuns que eles fizeram para passar na TV. E foi melhor que eu esperava. A visualização dos trabalhos ficou mais acessível e ajudou muito na observação detalhada de cada história. À medida que iam vendo o trabalho uns dos outros elas reconheciam as diferenças e igualdades em suas características físicas, familiares, nos gostos, no estilo de cada um.



Figuras 10, 11 e 12 - Imagens do álbum da Yasmim, Maria Antônia e Maria Clara, seguindo a ordem.

Ali começaram a dar nomes para as diversas descobertas. “olha ele é marron igual eu”; “Eu também tenho irmão”; “eu não tenho”; “eu tenho duas mães”; As crianças começaram a construir um repertório com as mais diversas definições.

Depois de tantas intervenções o olhar já estava apurado. E pedi que fizessem um novo desenho do auto retrato. A mudança ficou nítida. Os desenhos passaram a refletir cada um deles. Os desenhos ficaram ricos, com detalhes de si mesmas, cores e características mais próximas da realidade.

Depois de ver a história de todos, fiz novamente uma entrevista individual, para avaliar o trabalho e falar de novo de si mesmo.

Perguntei:

- Você gostou de contar sua história para os colegas?
- Você gostou de ouvir a história dos colegas?
- E o que você mais gosta em você?

Todos manifestaram a alegria de falar de si e de conhecer o colega. E apontar uma característica foi real e espontâneo.

Percebi na fala dele que contar a história de si e ao mesmo tempo ouvir a história do colega, as crianças iam criando uma ideia de pertencimento. Compreendendo que

tinham seus gostos e desgostos, famílias, singularidades, mas que faziam parte de grupo que também viviam coisas parecidas. O que contribuiu para maior compreensão e tolerância entre eles. Fortaleceu os vínculos afetivos. Suavizou os conflitos.

Mas o melhor resultado foi perceber que elas conseguiam falar de si. Sentiam-se parte de uma história e gostavam dela. Valorizavam a própria imagem sem ter vergonha disso. Manifestavam os desejos que tinham sem medo do colega não gostar e deixar de ser seu amigo por isso. Ouvir o colega se tornou um momento importante e respeitado por todos.

SINGULARIDADES E SIMILARIDADES PRA TODA VIDA.

Concluímos que podemos ajudar qualquer indivíduo a sentir-se valorizado, principalmente na educação infantil, momento crucial em que as crianças, além de outros aspectos, constroem representações de si e do outro. Assim, com esse trabalho pude contribuir com as crianças a descobrir um pouco sobre elas e que pessoas podem se tornar. Mesmo nessa tenra idade elas, pelo que foi demonstrado acima, gostam daquilo que são e passam se aceitarem, e isso fortifica a autoconfiança, aumentam a autoestima e, mais, começam a entender aquilo que nos faz semelhantes e também muito diferentes.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Angela Scalabrin; DAY, Giseli; WIGGERS, Verena. **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL, Diálogos possíveis a partir da formação profissional.** Editora nova harmonia e Ortiz; 2012. São Leopoldo. 372p.

AVILA, Myriam Sela Jayme. **A IDENTIDADE E AUTONOMIA EM CONSTRUÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.** Monografia de conclusão de curso. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Faculdade de Educação.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil, vol. 1 e 2. Brasília: MEC/SEF, 1998a, b.

BELO HORIZONTE. Secretaria municipal de educação. Proposições Curriculares da Educação vol. 2. **AS INTERAÇÕES**. Prefeitura, MG. 2016.

BISSOLI, Michelle de Freitas. DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE DA CRIANÇA: O PAPEL DA EDUCAÇÃO INFANTIL. Psicologia em estudo, Maringá, v.19, n.4p.587-597. Out/Dez. 2014.

PAIVA, Núbia Silvia Guimarães: NUNES, Liliane dos Guimarães: DEUS, Mariana Ferreira de. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICO CULTURAL. Olhares e Trilhas. Uberlândia, Ano XI, n.11,p. 85-96, 2010.

SÁTIRO, Angélica. Brincar de pensar com crianças de 3 a 4 anos. 2.1 ATITUDES PARA APRENDER A CONVIVER E SE AUTOCONHECER, p. 12-48. Editora Ática. FNDE 2013.

TATI, Paulo. **Eu**. Palavra Cantada; <https://www.youtube.com/watch?v=GBMQFJXaYLA>
Acesso em 25 de maio de 2019

SUERTEGARAY, Maira. **Dandara e a Princesa Perdida**. Ilustrações, Carla Pilla. Editora Compasso Lugar-cultura. 2009

OLIVEIRA, Jair. **Normal É Ser Diferente**. Álbum Grandes Pequeninos "O Mundo É Grande e Pequenino". https://www.youtube.com/watch?v=oueAfg_XJrg Acesso em 25 de maio de 2019.